

A INTERPRETAÇÃO LITERÁRIA, ARTE E ENSINO

LITERARY INTERPRETATION, ART AND TEACHING

**Madalena Machado
 (UNEMAT/PPGEL)¹**

RESUMO: O trabalho com o texto literário passa pelo processo de interpretação. Nosso artigo se desdobra em demonstrar que a interpretação literária exige arte e ofício. Compreender as estruturas mentais que se concretizam no trabalho da escrita literária, requer observar as distinções entre análise e interpretação literária. Olhar o texto literário, observar neste a autonomia na forma de liberdade e crítica, é fazer a interpretação no sentido de que a literatura não revela as estruturas e as questões, ao invés, promove a ruptura com o senso comum.

¹ Professora e Pesquisadora na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Câmpus de Pontes e Lacerda; Credenciada no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL) na UNEMAT – Câmpus de Tangará da Serra. É Graduada em Letras (UNEMAT); Mestre em Estudos Literários (UNESP); Doutora em Teoria Literária (UFRJ); Pós-Doutora em Literatura Brasileira (SORBONNE); Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Literatura “Manoel de Barros”; Líder do Grupo de Pesquisa: Literaturas na Interface entre o clássico e o contemporâneo (CNPq). E-mail: dramadalena@unemat.br

PALAVRAS CHAVE: Interpretação. Literatura. Autonomia.

ABSTRACT: Work with the literary text through the process of interpretation. Our paper unfolds to demonstrate that literary interpretation requires both art and craft. Understanding the mental structures that are realized in the work of literary writing, requires observing the distinctions between literary analysis and interpretation. Looking literary text, watch this autonomy as freedom and criticism, the interpretation is to the effect that the literature does not reveal the structures and issues, instead, promotes the break with common sense.

KEYWORDS: Interpretation. Literature. Autonomy.

O texto literário muito além de nos contar uma história é, sobretudo, uma forma de conhecimento que exige do leitor uma postura diferenciada. Ao adentrarmos o universo literário, temos por verdade razões e emoções que o mundo dito “real” muitas vezes vê como absurdo. As verdades literárias são verdades humanas que o leitor de literatura se familiariza a cada vez que se depara com uma viagem, história de amor, vingança, disputa, procura de um lugar, lendas em que pese o sentimento em relação à matéria. Conhecer o texto literário está além de identificar personagens e situações, é o se colocar no lugar do outro na busca por liberdade nos modos de ser e sentir. Concomitantemente, dá a ver, ensina a olhar o diferente. O fato do leitor ao se deparar com aquela palavra muito cara aos formalistas – estranhamento – por si só, gera a possibilidade de fazer a transposição, algo que acreditamos como primordial para a interpretação literária se efetivar. Em seguida, ao procurarmos motivos e interesses para os personagens agirem como o fazem, estarem num determinado espaço social e preencherem o tempo, de maneira a empreender a diferença, muitas vezes apenas com o pensamento, leva o leitor a perguntar mais de si mesmo. Daí que a arte da leitura literária e compreensão de sua experiência intensificadora do real, estão numa só linha de introspecção.

Defendemos em nossa pesquisa que interpretar não é analisar um texto de literatura, isto de acordo com o que encontramos na teoria literária. Ora, se os estruturalistas, pautados na ciência linguística, buscavam o sentido do texto partindo-se do pressuposto que podiam chegar à visão do todo, detectando as funções do texto; a diferença nega o binarismo desta condição. Os sentidos múltiplos do texto literário extravasam o que parecia transparência, ao fazerem emergir a diferença. Com *Verdade e método* (2005), no qual Hans-Georg Gadamer (1900-2002) postulou as bases da hermenêutica filosófica, vemos assegurado o princípio segundo o qual, a literatura sendo parte do que ele convencionou chamar de ciência do espírito, exige um olhar diferente do que a ciência, dita lógica, se firma, para delinear o elemento diferenciador. Se a ciência busca razões comprovadas, verdades inquestionáveis, um denominador comum para se chegar ao conhecimento, a ciência do espírito por sua vez, exige uma reflexão cujo resultado pode ser, muitas vezes, chegar a verdades múltiplas ou mesmo não chegar a um resultado, esperado. Posto que o debate principal gira em torno da reunião entre o eu e o mundo, não a separação do objeto para melhor conhecê-lo. Daí o motivo para o teórico alemão localizar a literatura, como forma de conhecimento mais refinada, ligada aos pressupostos do espírito, sua capacidade infinita para a reflexão. Trata-se por isso de compreender algo que nos interpela, propõe e se recolhe.

Do estudo da Hermenêutica tradicional, fundada por Friedrich Schleiermacher (1768-1834), que apostava na intenção do autor em busca do sentido, passando por seu desenvolvimento com Hans-Georg Gadamer, colhemos a base filosófica comum, a fim de elaborar a pergunta relativa ao caráter estético dos textos. Também não é demasiado lembrar as três atitudes da Hermenêutica: compreensão, interpretação e aplicação.

Ao discutirmos interpretação literária, nosso pensamento converge naquilo que nos assegura Pierre Bourdieu, no livro *As regras da arte* (2010). Para ele, desde Goethe, temos que a arte é o caminho que nos indica ir em busca do incognoscível, o que sugere o fato de

conhecer e ser indissociados. Disso extraímos justificativa para não trabalhar com o texto literário, tendo por meta chegar a uma interpretação absoluta ou um sentido inquestionável. A junção antes aludida entre o eu e o mundo delinea a busca da verdade no trabalho da interpretação com o campo das artes e literatura, garantida por meio da disciplina do perguntar e do investigar, que não se restringe ao conhecimento objetivo, aceito como científico. Aquele reclamado pela literatura, passa pela aceitação de que a ciência não assimila a existência de algo incognoscível, sequer que o conhecimento que se pode haurir seja fundamentado, muitas vezes, no imaginário. Bourdieu é enfático em frisar que a ciência faz compreender mas não faz sentir. Textualmente temos:

Não há melhor atestado de tudo que separa a escrita literária da escrita científica do que essa capacidade, que ela possui exclusivamente, de concentrar e de condensar na singularidade concreta de uma figura sensível e de uma aventura individual, funcionando ao mesmo tempo como metáfora e como metonímia, toda a complexidade de uma estrutura e de uma história que a análise científica precisa desdobrar e estender laboriosamente. (BOURDIEU, 2010, p. 39)

O ponto de vista singular sobre o espaço literário, o arranjo com o dado social, o que produz o chamado efeito de real, fazem da obra literária a união de forças contrárias propensas ao entendimento da interação humana. No que a literatura deixa pistas, o leitor envelhecido no social, aceita a duplicidade da figura humana estampada no ser de papel. Ele sabe que arte e liberdade não se dissociam desde as estruturas mentais junto às estratégias literárias adotadas pelo artista.

Ao nos apropriarmos da história criada pelo escritor, atemo-nos muito mais do que às aventuras de uma vida singularizada, ao universo que fala à sensibilidade, conclama a participação imaginária numa experimentação que é neutra, é controversa, recusa a aceitação de determinantes sociais, por exemplo. A criação literária

sedimentada numa recusa, organizada sob formas de pensamento que denotam uma revolução simbólica, converge à originalidade. No olhar detido que lançamos sobre, encontramos a dupla recusa estética, um assunto que pode ser trivial mas, trabalhado numa escrita feita de pesquisa, um modo de expressão que é próprio da literatura. O que ela tem de mais distinto em relação à ciência, já no ato de sua interpretação, “dando a ver e a sentir” (BOURDIEU, 2010, p. 48), o faz lançando mão de palavras que, juntas, produzem uma credibilidade capaz de dizer mais, inclusive sobre o próprio real.

O específico da expressão literária cuja meta intencionalmente procurada é uma liberdade contra todo tipo de imposição, tem na autonomia do ser e dizer, a ordem a um só tempo intelectual e universal. Algo que escapa ao domínio da análise científica, restrita, comprometida com uma verdade, diametralmente oposta ao nível de uma interpretação. Esta, por sua vez, tem a capacidade de enxergar na literatura uma “forma sugestiva, alusiva, elíptica, é que faz com que, como o real, o texto revele a estrutura, mas velando-a e furtando-a ao olhar.” (BOURDIEU, 2010, p. 368).

Pensando neste sentido, chegamos a entender por qual motivo não podemos nos lançar à leitura de um livro tão enigmático como *Dom Casmurro*, procurando respostas precisas, pois Machado de Assis exige um leitor mais experiente. O senso comum insiste em tentar provar ou não a traição de Capitu, por um Bentinho obcecado pelo ciúme de sua amada, junto do amigo de toda a vida, Escobar. Contudo, o que a interpretação literária nos faz observar é a maestria de Machado de Assis nos guiando pelos meandros da ambiguidade humana, localizada em cada olhar oblíquo, cada semblante sorrateiramente parecido do filho em questão com o amigo morto, uma lágrima disfarçada da mulher no dia do velório. Sobretudo, identifica o narrador homem, advogado, marido, inseguro, já idoso contando seu drama como forma de aliviar uma consciência intranquila.

Interpretar, ensina Umberto Eco (2001), é se familiarizar com o texto, buscar nuances que uma leitura rápida deixa passar

despercebida. É deste teórico a noção de leitor modelo, aquele que sabe preencher as lacunas deixadas pelo texto. Uma obra cujo valor estético é digno de interpretação, provoca uma ruptura em valores estabelecidos, mexe com uma interioridade insatisfeita. Algo que podemos associar à aplicação nos termos propostos por Gadamer. Ao buscar explicações do porquê as palavras provocam determinadas sensações, ao ser instigado em sua imaginação, o leitor se ocupa dos modos e enleios dos quais não consegue se desvencilhar, até ser convencido por uma plausibilidade só encontrada na própria obra literária. Por isto é importante lembrarmos o quanto é salutar a leitura integral do texto literário, não adotar fragmentos como representativos da obra enquanto um todo para se interpretar o literário. Os resumos também são uma perda incomensurável para a compreensão da escrita literária. Saber o começo, meio e fim de uma história não significa interpretar literatura, a arte de interpretar, por sua vez, se situa na zona do entremeio, saber do *modus*, palavra latina que lembra limite, fronteira. O processo em que situações se formam, personagens amadurecem psicologicamente, é muito mais enriquecedor quanto ao valor humano do texto, do que apenas identificar o que aconteceu ou a quem aconteceu determinado fato.

É rotineiro no estudo literário apontar a literatura como uma forma de conhecimento que lida com o teor humano, portanto, com seres ficcionais e tramas narrativas nas quais se operam mudanças. A metamorfose, no caso, é o que leva a pensar em Hermes, o deus grego encarregado de levar as mensagens dos deuses aos homens, não por acaso o patrono da literatura. No ofício de interpretar, a hermenêutica em sentido lato, o conhecimento secreto que se busca é o conhecimento profundo para além da camada epidérmica do texto, mas exige um constante deslocamento em busca de. É importante acrescentarmos, ainda, que a literatura da qual tratamos, é eminentemente fruto de um trabalho estético apurado, imersão tanto na forma quanto no conteúdo acompanhado, fazem parte do trabalho investigativo.

Tal premissa pode ser verificada no que faz Harold Bloom no livro *O cânone ocidental* (2010), ao questionar somente o valor estético para poder indicar a qualidade literária. Isto permite ao leitor palmilhar o raciocínio do crítico quando pratica a interpretação literária. Soma-se a este o fator originalidade, o mistério ou a capacidade que a obra tem de nos causar estranhamento, nos surpreender. A camada profunda que o texto literário oferece, vem a ser a possibilidade de se buscar ou apontar a um eu profundo, à nossa interioridade última, conforme faz saber Bloom. Para este crítico, só a grande literatura domina como reavivar novos sentimentos tomados emprestados às velhas obras, uma vez que Literatura não é simplesmente linguagem, é também vontade de figuração, o desejo de ser diferente, de estar em outro lugar. Em tal perspectiva, as perturbações humanas encaminham a entender na Literatura a presença de conflito, ambivalência, contradição entre tema e estrutura, portanto, o estético e o humano indissociáveis. Vale ressaltar a herança da Hermenêutica de Gadamer. Se Harold Bloom se derrama em elogios a Shakespeare procurando comprovar o quanto o autor inglês atingiu a perfeição no ofício de escritor, deixa claro também que Homero, Cervantes e Dante na mesma medida, possuem uma força estética capaz de possibilitar ao leitor aprender mais de si mesmo e a se suportar. O que podemos deduzir que interpretar para o crítico, aumenta o eu crescente dentro do texto e na vida do intérprete.

Quando se pratica a leitura em profundidade, a literatura e, conseqüentemente, o seu estudo, dão vazão ao conhecimento da personalidade humana. Sem entrar no mérito das questões associadas à Psicanálise, ponderamos, antes, que a literatura forte ensina o entreouvir-se por meio da captação da mudança, assim como Dom Quixote resolveu sair do conhecido em busca de aventuras, depois de ter aprendido com a Literatura. Enfrentar os perigos das novelas de cavalaria, foi o subterfúgio escolhido por Cervantes para mostrar o ser humano em luta com a realidade dos impedimentos, o que o fez ser o herói mais nobre da Literatura. Enquanto praticamos a

interpretação literária, nossa preocupação maior é relativa ao entendimento da travessia, passagem, em que personagens, vidas em elaboração deixam entrever seu amadurecimento.

Paul Ricoeur no livro *O conflito das interpretações* (1978, p. 09) ensina que interpretar é discutir a relação entre a força e o sentido, entre a vida portadora de significação e o espírito capaz de encadeá-los numa sequência coerente. Assim como Gadamer, Ricoeur nos assegura que ao praticarmos a interpretação, somos levados a mudar nosso modo de compreender, ou seja, não é um modo de conhecimento obtido aplicando determinado método para se alcançar algum fim. É, antes, um modo de ser, o modo deste ser que existe compreendendo. Ainda mais enfático, Ricoeur (1978, p. 15) afirma que “há interpretação onde houver sentido múltiplo”. Então, podemos nos certificar que no movimento da interpretação há uma dialética da reflexão. Desde Dostoievski até Machado de Assis, temos em mente a multiplicidade de ideias dos personagens, opiniões conflitantes, dúvidas existenciais, as quais encontramos em ebulição nos personagens de Clarice Lispector. O que nos faz detectar o desprestígio das ações em detrimento do pensamento na literatura do século XIX, exacerbada no século XX com James Joyce, Marcel Proust e Franz Kafka, levada a seu extremo no século XXI com José Saramago, Mário Vargas Llosa, Manoel de Barros, entre outros.

A própria ideia de conflito acoplada à interpretação já proporciona uma percepção da dialética no campo das ideias, trabalhadas por autores de literatura erudita. Logo, colocar o pensamento em sequências ordenadas, partindo-se de um feixe de acontecimentos significantes num texto literário, é o acréscimo de sentido que motiva tradição e interpretação (RICOEUR, 1978, p. 43). Ora, se a via de análise não sustenta o estudo literário, porque ela busca descobrir elementos de significação que não possuem mais nenhuma relação com as coisas ditas, na interpretação, pelo contrário, dizer e mostrar se equivalem. Para aquele que interpreta literatura, é o texto que possui um sentido múltiplo e a este se dedica. A complexidade de seres poéticos e narrativos induz a uma

investigação cuja meta não pode ser um significado último; situações exóticas, esdrúxulas ou banais inquietam, inspiram o deter-se interpretativo. Os personagens em suas relações nos dizem muito, mas na pesquisa literária, não se pode subestimar o silêncio. Se há um mistério nessa linguagem, entendemos que ela nos diz algo, algo do ser, portanto, num nível de reflexão muito mais avançado do que a simples identificação ou mesmo conceituação.

No objetivo de nossa pesquisa, a problemática que envolve o campo da interpretação tem relação direta com o modo de dizer dos personagens, a abertura que eles proporcionam para pensar o humano. À proporção de que não basta saber o que aconteceu mas como aconteceu aos seres ficcionais, ao modo dos estruturalistas, os pós-estruturalistas ensinam que forma e conteúdo tem o mesmo valor estético. O escritor de literatura cuja obra compensa pesquisar, inscreve-se, incorpora a diferença. Entender isto é interpretar de modo mais apropriado, mais condizente com a arte de lidar com a literatura. Retomando ainda uma vez o pensamento de Paul Ricoeur n' *O conflito das interpretações* (1978, p.228) , o ato de refletir sobre a significação é meditar, desfazer conceitos, decompor suas motivações , o que nos faz mais coerentes, afina as emoções, reequilibra o espírito diante de questões especulativas oferecidas pelo texto. Pensamos então que, diante do movimento acompanhado, somos igualmente movidos a tomar posições, eger, na forma da interpretação. Ao desfazer conceitos, somos muitas vezes confrontados ao fracasso de hipóteses interpretativas iniciais, isto não significa derrota ou esmorecimento, em contrapartida, do fracasso do saber, temos em vista um conhecimento situado na errância, no alvo ainda não atingido. Conforme ensina Antoine Compagnon (2001, p. 46), “[...] o prazer da caça, não é a captura, e o modelo de leitor, é caçador.” Personagens que perambulam como os de *Vidas secas*; buscam vingança como Aurélia, a *Senhora* em José de Alencar ou mesmo Diadorim em *Grande sertão: veredas*, dão a quota dessa indiscernibilidade primeira da qual tratamos, ao nos referir sobre o ato de interpretar literatura.

Os traços obscuros da existência humana que buscamos desvendar em entes ficcionais, vinculam sua força estética em motivos, motes, símbolos literários. Nos romances elencados anteriormente, o dote preterido, o pai assassinado, a falta de comida é o que dão a pensar numa interpretação permanentemente problemática. Prática equivalente a começar e recomeçar na dimensão do pensar, ao trabalharmos com o universal concreto da experiência humana. Assim, tomando por pressuposto que o símbolo é aquele sentido que coloca em movimento o pensamento, a interpretação enleia, deseja mesmo, cercar tal pensamento. Vislumbrando a relação da escritura com a palavra e da palavra com o evento e o sentido, a reflexão sem dúvida está embutida numa perquirição. Não sem motivo foi Nietzsche quem primeiro apontou o vínculo possível entre suspeita e interpretação, ele, filósofo preocupado com a vontade de poder do homem.

Outro ponto de vista a respeito da arte de interpretação literária é a perspectiva de Hans Robert Jauss no livro *Por uma hermenêutica literária* (1988). Neste, temos explanadas as bases de uma concepção dos estudos literários em que pese a interpretação estética. No quesito de diferenciação da hermenêutica tradicional, a literária, prevê não só a identificação mas o julgamento estético, pautado em textos canônicos da literatura universal. A reflexão metodológica orientada na tríade hermenêutica, defendida por Gadamer, qual seja, compreensão, interpretação e aplicação, faz com que Jauss direcione sua pesquisa a demonstrar que a interpretação avança, no sentido de fazer valer no campo literário, o que a princípio era aplicado somente a textos sagrados ou jurídicos. É certo, discute o teórico da recepção, que a hermenêutica literária faz uso de paradigmas do historicismo e da interpretação imanente da obra, como prevê o estruturalismo. Entretanto, seu raciocínio segue defendendo a possibilidade de aplicação do texto à situação presente do intérprete. O que Jauss chama de mudança de paradigma, implica na observação das diferentes maneiras de interpretar, não mais exclusivamente pelo viés lexicológico. Retomando a genealogia da palavra

“hermenêutica”, do grego *herméneuein*, que significa, exprimir, explicar e traduzir, o teórico alemão ensina por meio do fazer compreender, a separação do sentido literal e o alegórico, visto desde Homero. Neste, não temos só o cânone da literatura universal, mas também o problema da compreensão visto na diferença entre texto e sua interpretação. Não podemos deixar de lembrar que Homero foi o grande intérprete da lenda, do folclore grego, aquele que deu um formato homogêneo na composição da *Iliada* e *A Odisséia*.

A hermenêutica literária supera a ideia da simples compreensão histórica dos textos clássicos. Assim como a literatura por si só é simbólica, não há como pautar a interpretação buscando um sentido único, também as maneiras de interpretar variam conforme cada texto. Pois é este, ensina Umberto Eco (2012), o limite de uma interpretação válida ou não. Portanto, da interpretação múltipla dos textos poéticos ou narrativos, independente se vistos enquanto espírito do tempo ou se servem a determinado julgamento estético, há sem dúvida, uma interpenetração entre compreensão, interpretação e aplicação da pesquisa literária. Tomando por base o domínio da Estética da recepção, a história da interpretação de um texto contém elementos presentes na época de sua escrita, a recepção pelo público leitor do passado e os valores humanos que tornam a obra perene. Hans Robert Jauss explica que para a existência da compreensão, é preciso da atitude hermenêutica definida por Hans-Georg Gadamer, qual seja, compreender significa abrir-se à questão. O jogo da pergunta e resposta ao qual o livro *Por uma hermenêutica literária* dedica todo o primeiro capítulo, ensina que é do questionamento que se inicia a compreensão. Certamente as questões levantadas numa interpretação literária não se reduzem a quem são os personagens, quem os seres poéticos, onde a trama ocorreu, quando aconteceram tais fatos, qual a complicação e como houve o desfecho. A pesquisa se torna séria desde que o intérprete atualize e determine o que dirige a questão proposta pelo texto literário, procure saber qual a pergunta que orientou o escritor na época de sua facção assim como incomoda ainda hoje o leitor.

Nesse encontro com a experiência estética dos textos literários, o que perfaz a unidade dos três atos: compreender, interpretar e aplicar, engloba uma experiência humana que é de certa forma, a compreensão primária do mundo. Entendendo assim, praticamos a reflexão na sua variedade de significações, asseguradas as condições do horizonte do escritor e a alteridade do leitor. Formata a arte da interpretação literária, a problematização da função social literária, na medida em que procura conciliar os horizontes da experiência estética e a experiência do mundo. Experimentar o sentido estético da literatura é encontrar o outro em liberdade, o se colocar no lugar do outro, sentir, se emocionar como o ente ficcional. É ainda mais provar da criação, ou melhor, do seu enigma, ao colocarmos em prática a interpretação literária. Lidar com significações, sentidos variados, faz do intérprete um partícipe, partidário da vida pulsante no texto ao qual se debruça. Por isto o sentido que sobressai, por sua vez, convence, é antes de tudo, sensível, pois a experiência mais plausível da compreensão se dá quando o intérprete se deixa interpelar pelo texto. Perceber a literatura como aquele campo de visão, sobretudo crítico, é entender que as coisas do mundo material quando sobrepostas pela arte da palavra, podem ser de outra natureza. Tem sim a herança do seu tempo histórico, mas o transcende, fala-nos hoje ainda, nos inquieta, ao se fazer criação estética, expressão articulada. É por ser deste teor que “a hermenêutica lê o texto vivo que Hermes, o mensageiro, trouxe dos mortos que não morrem.” (STEINER, 1993, p. 24), praticada pelo intérprete que se modifica no ato de seu ofício.

Dessa interação viva entre o texto e o leitor, na prática de compreender o literário, graças ao poder da imaginação e da inteligência críticas, adentramos ao mistério, muito mais que da obra literária, o da existência. O crítico-intérprete não é alguém dotado de super poderes, mas de muitas leituras cuja associação, põe credibilidade no que afirma, acentua o estético do texto literário. Tomando sempre como ponto de partida a literatura para a pesquisa que empreende, afirmações ou contraposições a respeito daquilo

que lê, a figura do crítico expõe possibilidades de alcançarmos sentidos, muitas vezes diluídos na escrita literária. Colocar em prática a hermenêutica, dialogar com o texto, exige delinear as formas estéticas das quais elege o objeto de sua perquirição. Embora saibamos, como hermeneutas literários, que nosso esforço elucidativo requer muitas vezes, o encontro com um abismo do sentido e, se não exposto de forma rigorosa na argumentação, seremos tragados na forma do discurso hermético.

Os modos de experiência interpretativa, tão variados quanto as possibilidades de entrada na literatura, passa pelo encontro de temas, *pathos*, *leitmotiv*, motivos presentes em obras de diferentes períodos. Não se restringe, como poderia parecer, à primeira vista, à descoberta de fontes ou influências, mas, sobretudo, na detecção do diálogo – crítico – em que o intérprete pode se situar. Isto não significa valorar este ou aquele modo de existência em detrimento do outro, mas observar a distinção em como o homem viveu, como sofreu, aprendeu mais de si com os obstáculos que a vida lhe impôs e a Literatura se encarregou de plasmar.

Benedito Nunes (2009, p. 121), ao resumir o pensamento de Alfredo Bosi, a respeito da interpretação, assim se expressa: “a interpretação é o modo intuitivo, sintético e dialético do conhecimento das obras literárias, que consiste em apreender-lhes o sentido”. No caso, o intérprete fica às voltas com a “decifração da forma”; espécie de mediador, tradutor, antes de tudo é leitor. Importante na sua tarefa é uma exigência de completude daquilo que se põe a conhecer, visto lidar com a vida cultural e histórica na qual está integrado. Para Bosi, continua Nunes (2009, p. 122), a linha tênue da interpretação consiste em assinalar a passagem das formas de vida às formas literárias e vice versa. Benedito Nunes começa seu raciocínio com a constatação da estranha duplicidade que cerca o trabalho do intérprete, diríamos, o dilema: o de ter sempre por discurso próprio o do outro. O hermeneuta se encontra neste meandro. Assim, sabendo que as palavras são opacas, que elas encerram em si muito mais do que deixam entrever, surge a

importância capital do intérprete da literatura. Sim, a tarefa parece e é árdua, visto tratar-se de sentidos duplos, múltiplos, ainda assim, tem sua razão de ser. Olhar para o texto, levantar a cabeça e observar ao redor, empreender uma leitura interpretativa, requer passos decisivos, escolhas à vista. Se esta leitura se reduzir a montar e desmontar peças paradoxais, olhar as partes buscando o todo, só chegar ao todo se compreender as partes (prática inicial da Hermenêutica tradicional), não avançaríamos muito além da descoberta das funções, feita pelos estruturalistas. Arriscar uma linha interpretativa seria um elemento distintivo. Na prática interpretativa, o fato de observar o exterior ao texto, as questões históricas e nelas eleger um paradigma do qualificativo estético, torna a compreensão produtiva, visto que o intérprete coloca em xeque a própria historicidade.

No caminho hermenêutico aberto por Benedito Nunes (2009, p. 127), o espaço condiz à “relevância estética”. O que significa percepção elevada da linguagem, não mais aquela corriqueira, mas saber da elaboração diferenciada presente no texto literário. O crítico alerta que na prática interpretativa não se pode perder o horizonte do caráter ficto daquilo que compreende (NUNES, 2009, 128). Neste aspecto, efetuar a leitura literária, sob o foco de um sentido almejado, é entender que se trabalha sempre o discurso a respeito do outro. Daí a importância do que assinalávamos antes na nossa pesquisa, do papel da alteridade, o se colocar no lugar do outro, a percepção do ser que se faz em processo. Entender e dar vazão aos poderes da imaginação instaurados na ficção, a verossimilhança que torna o real mais pulsante, é o que equilibra a função do intérprete. Diferente do leitor comum, aquele se destaca pela consciência crítica e histórica, que legitima-se ao traduzir o discurso dos textos literários no discurso conceptual e reflexivo, contemplando as estruturas gerais da existência humana (NUNES, 2009, p. 130). Da simples leitura de apreciação à leitura crítica de uma obra literária, o intermédio hermenêutico guiado por Hermes, coloca em prática o que pensa e professa o ofício de pesquisador.

Ora, se a verdade hermenêutica problematiza a validade do conhecimento que se procura adquirir, a verdade em arte requer destituir a objetividade no olhar o objeto estético. O que não acontece de forma harmoniosa, implica a adoção de uma ética distinta, adotar inclusive, um ponto de vista prévio na lide interpretativa, por conseguinte, saber que se maneja de maneira mais profunda ou não o caráter emancipatório da existência humana. O que significa o intérprete alcançar a pergunta mobilizada no texto, sem dúvida, matéria diferenciada, “porque ele não tem só que conhecer o que é a fim de dominá-lo, mas, sobretudo, ser o que conhece para não ser dominado.” (SOUZA, 2010, p. 217). Exigência, urgência da tarefa hermenêutica no que diz respeito à arte da interpretação literária.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. Gênese e estrutura do campo literário. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **Os limites da interpretação**. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista-SP: Editora Universitária São Francisco, 02 Vols., 2005.
- JAUSS, Hans Robert. Limites et tâches d'une herméneutique littéraire. In: **Pour une herméneutique littéraire**. Traduit de l'allemand par Maurice Jacob. Paris: Gallimard, 1988.
- NUNES, Benedito. O trabalho da interpretação e a figura do intérprete na

literatura. In: **A chave do poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**. Ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

SANTIAGO, Silviano. Análise e interpretação. In: **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

STEINER, George. **Presenças reais**. Lisboa: Presença, 1993.

SOUZA, Ronaldes de Melo e. **Ensaios de poética e hermenêutica**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2010.